

Candidato tentará passar imagem de social-democrata avançado



Felipe González é o modelo que Collor adotará no 2º turno



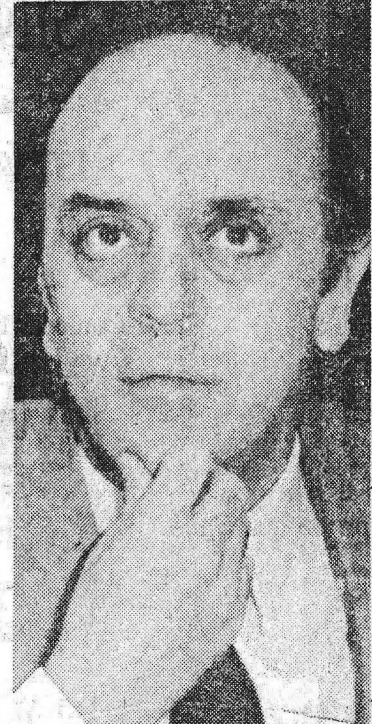
Vargas inspira fórmula de 2 partidos

Ariovaldo Santos — 7/11/89



Maia ainda está na mira

Gustavo Miranda — 31/5/89



Serra está conversando



Maluf tem cacife de seus milhões de votos

Em julho deste ano, quando esteve no gabinete de Felipe González, para uma audiência de 15 minutos com o primeiro-ministro espanhol, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, terminou ficando ali por uma hora a falar das vantagens de abrir a economia para o capital estrangeiro. Ao final do encontro, González surpreendeu o visitante: "Nós somos exatamente iguais, pensamos da mesma forma e você é tão progressista que chega até a estar um pouco à minha frente". O episódio é contado pelo empresário e amigo íntimo de Collor, Paulo Octávio Pereira, como um exemplo de que o candidato do PRN é totalmente identificado com a social-democracia.

É exatamente isso que Collor quer no segundo turno das eleições presidenciais: passar para a opinião pública a imagem de um político moderno, capitalista mas preocupado com a justiça social e disposto a incorporar os avanços das bem sucedidas democracias europeias. Collor adoraria ser identificado como um social-democrata e ir para os palanques nos dez comícios previstos para essa fase da campanha como se fosse Mário Covas. "A meta agora é mostrar ao eleitorado os pontos de identidade com Covas", disse o candidato há três dias, na casa do empresário Eduardo Cardoso numa roda de uísque, vinhos e canapés de caviar russo enquanto acompanhava a apuração dos votos pela televisão.

Tucanos O líder do PRN na Câmara dos Deputados e coordenador das articulações políticas, Renan Calheiros, que já foi do PSDB, antecipa a estratégia: "Vamos resgatar na memória nacional que Collor um dia indicou Covas como candidato à Presidência da República. E vamos lembrar ao povo também que ele um dia pensou em ingressar no PSDB". Na verdade, antes de decidir se candidatar, Collor sonhava ser vice de Covas e só não entrou no partido porque foi vetado. Na mesma reunião na casa de Eduardo Cardoso, analisaram que os ataques ao presidente José Sarney renderam muitos votos, mas agora o rumo deve ser outro. Até porque serão dois candidatos claramente de oposição ao presidente.

Ele precisará se distinguir por outro caminho. Os passos a serem seguidos deverão ser definidos hoje, numa reunião de toda a coordenação, em Brasília, Belo Horizonte ou São Paulo. Mas uma coisa já é certa: a perseguição aos tucanos do PSDB será muito mais acirrada do que aos outros grupos. Um papel crucial nessa articulação será desempenhado pela economista Zélia Cardoso de Mello, designada mensageira de Collor junto aos tucanos por causa de suas estreitas ligações com a esquerda e principalmente com o PSDB.

O deputado José Serra e o senador Fernando Henrique Cardoso, ambos do PSDB de São Paulo, conversam freqüentemente com a chefe da assessoria econômica de Collor, assim como o banqueiro Luiz Carlos Mendonça de Barros. Ele e Zélia trabalharam juntos no governo Sarney durante o Plano Cruzado, Barros no Banco Central e ela no Ministério da Fazenda. A participação de Zélia é fundamental porque "as conversações deverão se dar em torno de questões programáticas", reconhece a economista.

Vice Apesar de Fernando Henrique Cardoso negar, Renan Calheiros garante que os entendimentos já começaram. "No início da campanha, já havíamos conversado sobre alianças para o segundo turno e ficaram abertas perspectivas para os dois lados. Por isso, estou mantendo esse canal de conversação", diz Renan, sonhando em ver Fernando Henrique na chapa de Collor como candidato a vice. Itamar Franco (PRN-MG), que ocupa o lugar hoje, é o grande problema.

Collor tem dado sinais de insatisfação com o desempenho do seu candidato a vice, senador Itamar Franco, em Minas, onde esperava que fosse capaz de conquistar mais votos. Tanto que só ontem de manhã, com os resultados de São Paulo, ele se tranquilizou, pois não imaginava uma performance tão fraca em Belo Horizonte e Recife. Agora Collor está certo de que terá o dobro da votação do segundo colocado. "Já saímos do primeiro turno com 40% dos votos pois, além dos nossos, ficamos

com os de Maluf e Afif", comemora o empresário Luis Estevão, também da turma de Collor. Paulo Octávio concorda e tranquiliza: "A direita sabe votar". Mas o candidato só quer os votos e dispensa as presenças nos palanques.

O PMDB, Collor pretende seduzir pessoalmente, indo prestar a Ulysses Guimarães todas as homenagens devidas ao maior chefe de oposição ao regime militar. Renan Calheiros, o assessor de imprensa Cláudio Humberto e o deputado Alcení Guerra (PFL-PR) foram os primeiros a aconselhar Collor a ir a Ulysses, que Alcení compara a Winston Churchill, o primeiro-ministro que liderou a Inglaterra na Segunda Guerra.

No PDT, o candidato do PRN tenciona retomar os contatos com o deputado César Maia (RJ), com quem conversou reservadamente três vezes durante a campanha, sobre propostas de governo na área econômica.

Direita, não "Quando apresentarmos nosso programa em palanque, vamos mostrar que temos identidade com o PSDB e nenhuma ligação com a direita", disse Collor num dado momento da apuração dos votos. Segundo Renan Calheiros, o candidato mostrará "que se Covas não o apoiar, corre o risco de isolar-se e inviabilizar a formação do primeiro governo social-democrata na América Latina". O fascínio com a social-democracia agora é tanto, que nos bastidores articula-se até mesmo a formação de um novo partido com esse perfil, se Collor assumir a Presidência. A idéia é repetir Getúlio Vargas que criou o PTB e o PSD e ter dois partidos sustentando o governo no Congresso. No PRN ficariam os conservadores.

Durante os três dias que passou isolado só com a família e amigos mais chegados, Collor reafirmou que não aceitará o apoio explícito de nenhum ministro de Sarney. Mas achará muito bom se os adesistas mantiverem a discrição com que hoje se comporta o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Collor sabe que tem o apoio dele, mas finge que não vê. "Não aceitaremos nenhum apoio da direita notória, porque isso nos carimbaria irremediavelmente", afirmou para os amigos. Só que na campanha há uma preocupação com a forma de se fazer isso, porque no primeiro turno Collor já tentou rejeitar apoios e teve de recuar. Agora sabe que não poderá sair, por exemplo, agredindo Paulo Maluf ou Afif Domingos. Na quinta-feira, questionado sobre um eventual apoio malufista, Cláudio Humberto devolveu: "Afim, quem é mais popular, o PCB com 1% dos votos, ou Maluf com milhões?"

Sem ideologia Collor sabe que a única chance de não ser carimbado como candidato da direita — uma vez que não pode impedir o ex-ministro Armando Falcão ou o senador Roberto Campos (PDS-MT) de declararem seus votos, nem recusar sustentação do empresariado de São Paulo — é manter o debate longe do campo ideológico. "Vamos evitar a todo custo a polarização ideológica", ordenou o candidato ao comando da campanha. E até os cabos eleitorais de locais mais distantes estão cumprindo à risca a determinação. Na sexta-feira, o deputado Geovani Borges, do PRN do Amapá, chegou com um grupo ao gabinete de Renan Calheiros contando que já lançou um novo slogan lá: "Collor não é esquerda nem direita, é Brasil".

O candidato assumiu agora um discurso, típico dos liberais europeus, de que "a definição de esquerda e direita está superada, pois tanto Margaret Thatcher quanto Gorbachev procuram o bem-estar social". Mas na hora de definir sua estratégia de campanha para o segundo turno recorre aos mesmos rótulos. "Se nosso adversário for Lula, vamos procurar forças do centro, do centro-esquerda e da esquerda", disse ao seu grupo mais próximo. "Se for Brizola, procuraremos o PSDB em melhores condições e mostraremos que ele é irracional e incapaz de fazer alianças em torno de um ideário". Só que Collor acha que a busca de aliados tem limites e não quer chegar ao Palácio do Planalto com o governo loteado antecipadamente: "Não vamos sair pedindo loucamente apoios por aí. Não vamos nos vender fácil, para poder governar com independência".